



# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros).	48000
OITOMEZES (até ao fim deste anno)	32000
SEMESTRE (26 numeros)	25000
NÚMERO AVULSO.	1000
SUPPLEMENTO.	500
NUMEROS ATRAZADOS	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS	10000

Escriptorio, Rua Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado per *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 25 de Julho de 1895

N. 12

## A CIGARRA

*A Cigarra* agradece ao amavel collega *Don Quichotte* estas amaveis linhas :

« Esplendido! o n. 10 d'*A Cigarra*. A figura allegorica « O Club da Morte » com aquellas lagrimas de sangue a escorrer é estupenda de ironia humoristica. Esta pagina é assignada pelo *Olavo Bilac* e *Julião Machado*, dois verdadeiros artistas. A arma do primeiro é a penna e os seus bellos escriptos parecem desenhos. A do segundo é a penna ou o lapis e os seus desenhos parecem verdadeiros artigos litterarios. Não é preciso dizer quem os fez ; mas se não é o diabo, com certeza, foi o espirito e o humorismo que os ajuntou.

Muito desejamos que o publico auxilie, como merece, esse jornal, o unico entre nós verdadeiramente primo-irmão dos melhores que se publicam em Paris. Digo Paris, porque o espirito d'*A Cigarra* é o verdadeiro espirito Gaullez que o *Julião* trouxe consigo, mas que, forçoso é confessal-o, encontrou, ja aqui incarnado no seu companheiro, redactor *Olavo Bilac*.

Desejamos que as assignaturas chovam, como saraiva até obrigar *A Cigarra* a abrir um guarda-chuva, mas... virado em sentido contrario. E é justo que o nssso amigo *Ribeiro* encontre compensação aos seus desejos de publicar nesta Capital tão bom jornal.»

Oh ! collega !...





*Il faut qu'une porte soit ouverte ou fermée.* Isto, antigamente, era uma grande verdade. Hoje é uma tolice.

Quantas afirmações, como essa, pompeiam, firmemente plantadas no campo das conquistas humanas, durante todo um século, e, abaladas e derruidas no século seguinte, lá se vão perdidas, sem remédio...

Hoje, para os amáveis gatunos do Rio de Janeiro, que têm n'estes annos a sua idade de ouro, — não ha portas fechadas nem abertas.

Hoje, o gatuno é um ente imponderável, immaterial, como os *gnomos* da lenda: cavalgando uma gazúia também immaterial, (que, entre parenthesis, é apenas um symbolo, porque elles, não carecendo de abrir as portas, não precisam de gazúia) os gatunos introduzem-se pelos buracos das fechaduras, sem ruido, e fazem o que querem, dentro dos domicilios.

O cidadão, quando acorda e reconhece que está roubado, não deixa de se indignar contra o roubo, mas também não deixa de admirar a pericia e a limpeza com que o cobicador da propriedade alheia realizou o seu plano.

\*\*\*

Valha-nos isso! Já é uma consolação o saber a gente que deve a sua desgraça a inimigos inteligentes.

O meu amigo e tio Orozimbo dizia-me um dia que preferia dez ladrões a um burro. E contou-me isto:

Uma noite entrou-me no jardim um salteador. Levou-me algumas plantas de valor, mas nem me sujou as alamedas nem me arreventou os canteiros. Pois, na noite seguinte, como, por descuido, ficasse aberto o portão, um burro, que andava solto pelas ruas, achou de bom gosto fazer uma visita ao meu jardim: estraçalhou canteiros, esmigalhou plantas, estourou a couces os bancos de ferro, e deu-me um prejuizo extraordinario.

\*\*\*

Pois bem! os gatunos de hoje podem ser insaciáveis, ousados, gananciosos, mas burros e grosseiros é que não são. Pelo contrario, têm uma delicadeza tocante; nem acordam a gente! E é preciso confessar que isso é altamente commodo: antes perder a fortuna que perder uma noite de somno.

Quanto a mim, toda essa reforma radical por que passou a nobre corporação dos ladrões, — outr'ora tão barulhentos e insolentes, hoje tão amáveis e respeitadores do somno alheio, — é devida á policia...

\*\*\*

« A' policia? »

A' policia, sim, á policia!

Já sei que este povo ama descompôr e desprestigiar as auctoridades attribuindo-lhes todas as desgraças, pondo-lhes ás costas todo o peso e toda a responsabilidade das calamidades publicas. O defeito é da raça, de toda a raça latina. N'esta palavrosa e tumultuosa raça latina, o amor da disciplina e do respeito á lei morreu ha muito: a característica da raça é a indisciplina. E essa característica accentuou-se consideravelmente em nós, latinos da America. A primeira exclamação que bróta dos labios de um cidadão, diante de qualquer intervenção de auctoridade, é esta: *não póde!*

Verdade é que a auctoridade vae podendo e vae fazendo o que quer. Mas o povo vae gritando que a auctoridade não póde, não póde, não póde...

Isto faz lembrar a lenda cabocla, do Compadre Sapo. Conhecem? Pois, se não conhecem, perdõem-me mais esta digressão, e leiam:

\*\*\*

Compadre Sapo estava tomando fresco no meio da estrada, quando um boi possante veio a passar por elle. E o boi, com uma delicadeza pouco frequente em bois, disse:

— Compadre Sapo! saia d'ahi, por favor, que não desejo pisal-o...

Compadre Sapo, néo-latino como era, recalcitou:

— Não póde! não póde passar, que não deixo!

— Compadre Sapo! não me zangue, pelo amor de Deus...

E, aqui, o sapo disparou contra o boi umá tão tremenda descompostura, que nem mesmo a paciencia do boi Apis a supportaria com calma.

E o boi, pondo a pata sobre o Compadre Sapo, começou a a esmagal-o. Mas Compadre Sapo, suffocado, gemia sempre: não póde! não póde! não póde!

Então, um caboclo, que passava, perguntou:

— Que é isso, Compadre Sapo?

E Compadre Sapo, já quasi morto, ainda coaxou:  
— Deixe me, compadre caboclo! deixe-me, que eu estou aqui sustentando uma opinião!  
E morreu...

\*\*\*

Voltemos ao assumpto. E' á policia que devemos o providencial aperfeiçoamento e a providencial civilização da corporação dos gatunos. Porque, com a sua vigilancia, conseguiu ella amedrontal-os, obrigando-os a se transformarem em *gnomos* impalpaveis, em *sylyphos* invisiveis, em *djins* incorporeos. Que queria mais a indisciplina da raça latina?

Queria que a policia exterminasse de facto, *physica* e moralmente, os ladrões? Mas, se não houvesse mais ladrões, não haveria mais policia, desgraçados! E os estrangeiros diriam de nós com desprezo:

— Ah! aquelle Brazil é um paiz tão réles, que nem possue policia...

\*\*\*

Ainda agora mesmo, fiquei sabendo, pela leitura de um jornal, que, só com a *policia secreta* do Rio, gastou o governo, durante o mez passado, sessenta e seis contos seiscentos e sessenta e seis mil seiscentos e sessenta e seis réis... Ora, essa policia secreta é a que amedronta os ladrões, porque a outra, fardada, armada, cheia de galões de ouro, dá muito na vista e não faz nada.

Pois bem: imaginando que, por mez, cada agente secreto ganhe, termo médio, 150\$000, chegamos á conclusão de que temos na policia secreta quatrocentos e quarenta e quatro agentes e mais algumas parcelas, quero dizer: mais um quarto de agente ou mais meio agente, talvez.

Comprehendeis? Não achas maravilhoso que com tão pequeno pessoal possa a policia obrigar os ladrões a respeitarem o somno do cidadão, roubando-o sem barulho?

\*\*\*

Por mim, confesso que acho isso prodigioso. Porque repito: antes perder uma fortuna que perder o somno.

Fantasio.

## IDYLLIO RUSTICO

Sol de Dezembro a pino, no cálido ceu azul, translucido. A terra escaldava como a chapa de um forno, exhalando um cheiro de hervas aquecidas, e no ar, tremulamente, fluía a evaporação estival do sólo resequido. A agua escassa, que escorria pelo lombo escuro das rochas cobertas de samambaias, era como o suor das pedras.

O silencio era absoluto na paisagem vasta, maravilhosamente illuminada; as arvores, immoveis, pareciam de bronze, e os bois, hypnotisados pela grande luz meridiana, modor-ravam tranquillios, uns á beira d'agua, entre as hervas frescas, outros em pleno campo, á luz viva.

Nem pio d'ave, nem bulicio de ramas: ouvia-se apenas, muito brando e continuado, o lacrymejo de um correjo que os agriões verdoengos escondiam.

N'um rancho, á margem da estrada branca, uma rapariga repousava preguiçosamente, e, no abandono em que se

deitára, a perna, roliça e branca, nua como a de uma *nympha* campestre, fugia seductoramente dos pannos grossos da tri-cana, deixando ver o joelho, onde havia como uma grande petala de rosa; e ella ia adormecendo, amollecida, quebrantada pela rispida canicula, quando um colono esbaforido, enxada ao hombro, o cabello empastado na fronte, appareceu praguejando contra o sol e contra a terra. Ao dar com os olhos na mulher, parou á entrada, tímido; mas, como ella levantasse a cabeça, reconheceu-a e avançou:

— Eh! Carlota!

— Eh! Manoel!

— Estás regalando o corpo á sombra?!

— Descansando um pouco. Está de rachar...

E os dois, atirando os olhos pelo céu sem nuvens:

— Que calor! — disseram.

A rapariga tinha uma cuia d'agua fresca, e ofereceu-a ao rapaz, um lindo rapaz, com effeito: lindo, forte e gracioso — olhos negros, cabellos negros, moreno. E ella, então? uma carinha de seduzir, e o que era o corpo estava a dizer a perna nua, que ia encolhendo pudicamente para que a não visse o moço. Eram da mesma aldeia, haviam chegado juntos áquellas terras e bem que buscavam trabalhar sempre no mesmo campo, para, de quando em quando, trocarem um olhar apaixonado. Manoel estirou-se no chão, resfolegando: « Que mal se podia pôr os pés nos caminhos, as pedras queimavam que nem brazas » E suspirou:

— Ah! quem me dera estar lá... Agora é o frio, hein?

O collo de Carlota ondulou com ancia e seus lindos olhos ennevoaram-se.

— E o tempo que vai tão vagaroso, hein? Quando chegará o dia de sermos um do outro...?

— Eu sei, Manoel!

— E tens cumprido a promessa?

— Como t'a jurei. Mal tiro do ganho um pouco para vestir-me. E tu?

— Tenho já o mealheiro atarracado. E, se ainda gasto alguma coisinha é porque não ha remedio...

— E em que é que gastas, Manoel?

— Ora! Em que é que gasto... p'ra que queres saber? Pôz-se a coçar a cabeça, de olhos baixos.

— Mas que tem? dize lá: em que é que gastas?

— Ora, gasto p'r'ahi a tôa. E' dinheirinho que bem podia ficar em casa e que vai p'ra outros mealheiros.

— Que outros? — e os olhos de Carlota fuzilaram. A apostar em como vens falar da saloia?

— A culpa é tua. Bem que esse dinheirinho podia nos ficar em casa. Assim como assim, tu vaes ser minha mulher...

— E porque é que lh'o dás, Manoel? Porque é que lh'o dás? Tens mais confiança na saloia do que em mim?

— Não é confiança... mas tu comprehendes que com um sol destes... a gente tem sangue, Carlota... A saloia é quem guarda o dinheiro de todos os rapazes e até dos velhos. E faz a sua maquia, faz...

E o Manoel raspava a terra sem levantar os olhos. Carlota, que o fitava, por fim disse:

— Olha, Manoel, mealheiro por mealheiro tambem eu tenho, sabes? Não quero mais que dês o teu dinheiro á saloia.

— Queres tu guardal-o?

— Pois de certo, por economia. Não vamos ser marido e mulher?

— Até juramos...

E entreolharam-se.

SIR JOHN BULL



AGUAS LIGEIRAMENTE TURVAS

Aoh! Eu tambem hade ter uma poema que começará assim:

"As armas, ó varões desprevenidos!"

RA DOIS !...



J'y suis, j'y reste! 'm'en fiche!

Espiritos silvanos, porque fazeis tamanho escandalo? E tu, capripede Pan, patrono da terra geradora, deus propicio, deus das searas maduras e dos olivaeas em fructo, tu que presides o renovamento eterno da natureza, que officias nas nupcias das cousas, que alegria é essa que te faz saltar sobre o teu pé bifurcado, saracoteando macabramente sobre as pernas lanigeras de hircipes fecundo? Que tens tu, maravilhoso Pan? Que vês no rancho, que assim te põe a alma jucunda, arreganhando as tuas feições de capro, n'um rictus hilare? Genios fluidos que andaes nas brisas, que cantaes na aragem,— que tendes, vós tambem? E tu, sol, astro pudico, porque foges do rancho cedendo o teu logar á sombra? Que ha? Que ha, faunos lascivos, para que assim babeis libidinosaemente? São suspiros... e já não permittis que as almas desabafem? Espiritos maliciosos... se alguma cousa houve, a culpa é vossa.

.....  
Piavam rolas entre os milhos, e alguém vinha cantando docemente trovas alemtejanas.

— Olha a saloia! olha a saloia! Nunca mais, juras, Manoel?

— Pelo Senhor, Carlota. Agora o meu cofre és tu. E dize: juras que d'outro não recibes nada?

— Como receber se levas comtigo a chave...

— Isso não, quero que jures, porque esses cofres abrem-se com qualquer chave...

— Pois juro... Mas vai, olha a saloia.,

E Manoel, tomando a enxada, sahiu a cantar triumphante, perdendo-se entre os milhos altos.

(Do Fructo Prohibido).

Anselmo Ribas.

## MYSTERIOSA

Como aereã visãõ leve e formosa,  
Que só aos sonhos dos amantes desce,  
Assim entre os meus olhos apparece  
A sua imagem doce e luminosa.

Tão pouco nos fallamos, que parece,  
Quando lhe vejo a fórma vaporosa,  
Que a vejo morta, e que ella vem, chorosa,  
Pedir-me ainda a derradeira prece.

Olho-a cheia de magua e de carinho,  
Beijo-a, e o meu beijo perde-se na altura,  
Como um canóro passaro sem ninho...

E aos poucos vejo-a, muda, entre outras bellas,  
Subindo ao céo com as azas da candura,  
Coroada de um circulo de estrellas...

Swimaraens Bassos.

## STAMBOULOFF

Ainda não cessou o pavor espalhado em todo o mundo pelos fios telegraphicos da Havas, communicando o barbaro assassinato de que foi victima Stambouloff, o ex-primeiro ministro da Bulgaria.

Stambouloff morreu no meio de agonias terriveis. Os assassinos deceparam-lhe os dois pulsos, vasaram-lhe um olho, fracturaram-lhe o craneo, e deram-lhe, em varias partes do corpo, vinte e duas punhaladas. Os ultimos telegrammas dizem que a policia de Sofia attribue o crime, não a adversarios politicos, mas a inimigos pessoas do ex-presidente do conselho bulgaro. Mas é preciso ter esquecido o que foi a politica tyrannica e sanguinaria de que era chefe Stambouloff, para acreditar n'essa versão.

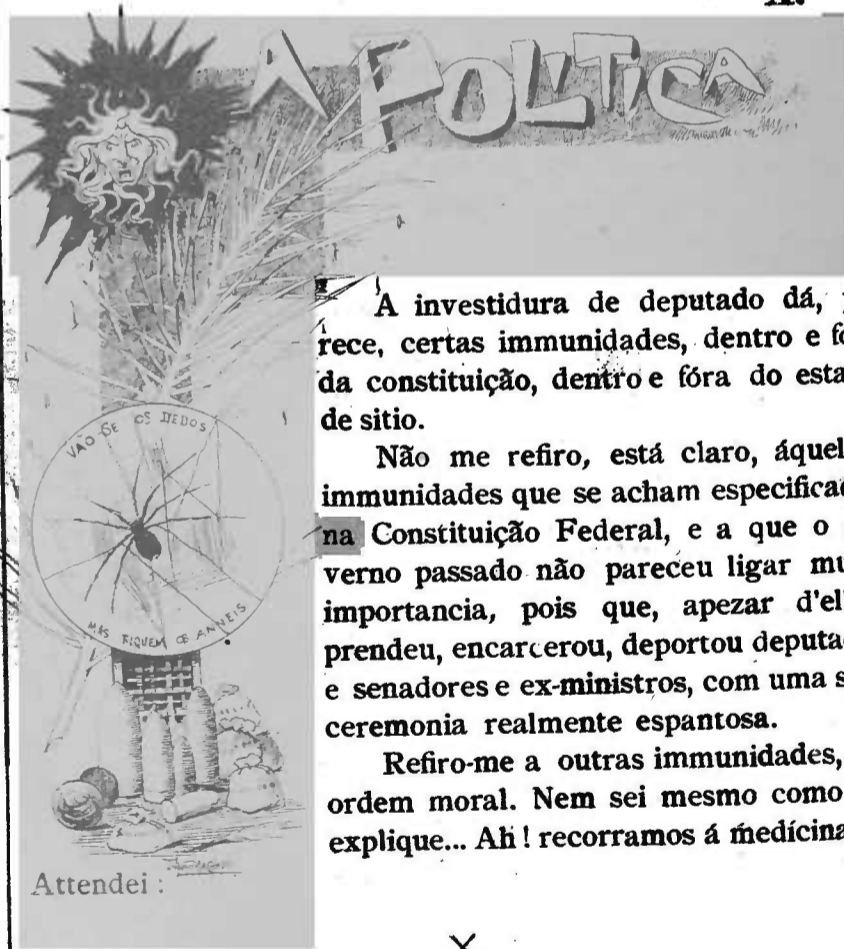
Oh! o odio politico! Varios adversarios de Stambouloff, que lhe cahiram nas mãos, no tempo em que elle tinha o supremo poder, foram submettidos a supplicios atrozes. Os jornaes contaram longamente o martyrio de um moço,— tinha vinte e poucos annos! — que, feito prisioneiro, foi amarrado e exposto, durante semanas, ao padecimento da fome, e aos ultrages dos adversarios, que vinham rir da sua agonia. Agora, é o proprio Stambouloff que cae, barbaramente mutilado...

Oh! o odio politico! peor que o odio de familia... peor que o odio de raça...

Muita gente, achando que a Bulgaria fica muito longe do Brazil, encolherá os hombros diante d'este trecho de chronica, e dirá:— Que diabo temos nós com Stambouloff?... Ah! meus amigos! o Brazil não fica assim tão longe da Bulgaria! e já se foi o tempo em que nós, brazileiros, podiamos, com a consciencia calma e o coração sem remorsos, duvidar de que, entre homens civilizados, essas atrocidades se pudessem commetter....

Oh! o odio politico!...

X.



A investidura de deputado dá, parece, certas immunidades, dentro e fóra da constituição, dentro e fóra do estado de sitio.

Não me refiro, está claro, áquellas immunidades que se acham especificadas na Constituição Federal, e a que o governo passado não pareceu ligar muita importancia, pois que, apezar d'ellas, prendeu, encarcerou, deportou deputados e senadores e ex-ministros, com uma sem cerimonia realmente espantosa.

Refiro-me a outras immunidades, de ordem moral. Nem sei mesmo como me explique... Ah! recorramos á medicina!—

X

Depois de Jenner, a pratica das vaccinações veio de progresso em progresso e de descoberta em descoberta, revolucionando a arte de curar. Jenner descobriu a vaccina contra a variola; Pasteur, a vaccina contra a raiva; Freire, a vaccina contra a febre amarella; Roux, a vaccina contra o croup; Kock, a vaccina contra a tuberculose, e, agora mesmo na Alemanha, Ramson acaba de descobrir a vaccina contra o cholera-morbus.

Sabe-se bem que, injectado um certo serum no sangue de um certo individuo, esse individuo fica *immune*, isto é, não póde ser atacado por certo agente morbigeno.

Pois bem! A investidura de deputado é uma vaccina. O diploma é um serum. O deputado, uma vez vaccinado, isto é: uma vez eleito, gósa de uma immuidade completa contra... o insulto. Comprehenderam?

X

Explicuemo-nos. Ainda na semana passada, dois deputados trocaram entre as suas respeitabilissimas pessoas, em plena sessão da camara, diante das bancadas attonitas e das galerias embasbacadas, as seguintes palavras amaveis, que vêm textualmente impressas no *Diario do Congresso* de 18 de junho:

« O deputado A.—Isso é uma conversa particular.

O deputado B.—Não admitto conversas particulares com V. Ex.; lá fóra estarei sempre prompto para ellas.»

E depois:

« O Sr. A.—Nunca pretendeu tal!

O Sr. B.—V. Ex. nega até as verdades mais claras; não lhe resta mais sequer a percepção do decoro!»

E ainda:

« O Sr. B.—... Entre mim e o deputado A (e vem o nome *por extenso*) existe um abysmo; somos verdadeiros antipodas, porque S. Ex. só está acostumado a manejar as armas da traição, da falsidade, da perfidia e da deslealdade.»

Ora, cá fóra, na vulgaridade da nossa vida de homens não-deputados, quando as cousas assim se passam,— não tardam a ferver formidaveis bofetadas, cachações freneticos, pontapés, e mesmo facadas. Pois lá dentro não ha nada disso. Porque?

Porque o diploma é um *serum*, que, injectado no sangue de um deputado, o torna insensível á injuria. Ahi está.

Dir-me-ão que a insensibilidade assim adquirida não é tão grande,— porque muitos deputados, por occasião d'essas decomposturas parlamentares, chegam a levantar-se das respectivas bancadas, muitos dispostos a se engalfinharem...

Mas não se engalfinham, meus senhores, não se engalfinham! E' cousa que nunca se viu.

X

Quem teria sido o Roux, quem teria sido o Jenner, quem teria sido o Pasteur,— quem teria sido o descobridor d'essa nova vaccina?

L. F.

Theatro Apollo  
 Amanhã 26  
 Festa do JOSÉ RICARDO  
 Os Sinos de CORNEVILLE  
 THEATRO LYRICO FREGOLI  
 TODAS AS NOITES

## THEATROS

Tivemos na sexta-feira passada a inauguração de um novo theatro, o *Nacional*, ex-*Phenix Dramatica*, na rua da Ajuda, velho campo de triumphos da empresa Heller.

Quando, abrindo os jornaes, vi o pomposo titulo do *Theatro* impresso acima do cartaz, tive um sobresalto. E exclamei: —Pois já? pois já está organizado, fundado, inaugurado o nosso futuro *Theatro Nacional*, de que é director o provector Martins? Bravo!— E comecei a ler o annuncio:

Justos céos! que assombro! o director do *Theatro Nacional* não se chama *Martins*: chama-se *Ludgero Vianna*.

Continuei a leitura. Representava-se uma peça portugueza: *A filha do sr. Chrispim*. O autor da peça é o supradito sr. Ludgero. Dos personagens que n'ella figuram, um é seralheiro de Porcalhota (cercanias de Lisboa); outro é um proprietario do Pico dos Regalados; outro é regedor da supracitada Porcalhota; outro é abbade de Ninães, aldeia do Minho; outro é... E eu embasbacado: « Santo Deus! que é que tem o *Theatro Nacional* com a Porcalhota?!...»

⊗

E ainda estou hoje no mesmo embasbacamento. Porque tiraram ao theatro o seu antigo e famoso nome de *Phenix Dramatica*? Porque lhe deram este falso e tolo nome de *Theatro Nacional*?

Não é nacional o director; não é nacional o ensaiador; não é nacional o regente da orchestra; não é nacional o scenographo; não é nacional a peça da estréa; não são nacionaes os actores; não são nacionaes as actrizes: só o titulo é que ha de ser nacional... Pilulas!

⊗

Já sei o que vão rosnar por ahi: « olá! temos agora o Puck jacobino e nativista... »

Não ha tal. Não me revolto contra o facto de ser a empresa estrangeira, servida por artistas estrangeiros, e destinada a montar peças estrangeiras. Acho mesmo isso natural, porque acho que a gente, quando não tem prata de casa, deve contentar-se com a que os visinhos de boa vontade lhe dão: quem é pobre não tem luxo.

Mas revolto-me contra a imbecilidade do nome do theatro. Porque *Nacional*? para que *Nacional*? Isto é um destampatorio!—Depois, quem organisou aquillo sabe bem, ou deve bem saber, que andam por ahi, em busca de realização, duas idéas de *Theatro Nacional*. Uma d'essas idéas já está mesmo muito adiantada, tendo já rendido um emprego ao actor Martins, o genial interprete do *Nhô Quim* e de outras peças egualmente geniaes. Porque então, com que fim se deu ao antigo theatro *Phenix*, o nome de *Nacional*?

Quem tiver tempo que os entenda! Que eu, por mim vou tratar de outro assumpto...

⊗

Foram-se os japonezes. Em compensação, temos na terra o assombroso Frégoli, o phenomenal Frégoli, que tem todas as vozes d'este mundo e dos outros. Ahi está: já que não tivemos companhia lyrica este anno, teremos ao menos este *Frégoli*, que é toda uma companhia lyrica.

⊗

Novelli volta! Novelli ahi vem! Vamos ainda applaudir Novelli!—Esta é a grande noticia da semana, e é com ella que quero fechar a minha chronica theatral d'este numero. Que melhor noticia poderia eu dar aos leitores da *Cigarra*? Novelli, de volta de S. Paulo, vae despedir-se de nós, dandonos ainda algumas noites de arte, de arte verdadeira e pura, no *Sant' Anna*, que para isso vae passar por algumas reformas.

Ah! meu Novelli! meu Novelli! bem precisados que estamos do consolo e da ventura de te ver e de te applaudir! Quanta borracheira está ahi a arrastar-se pelos repugnantes palcos do Rio de Janeiro! E' a *Filha do Chrispim*, é o *Porto*, é o *Homem da Bomba*, é o *Aquidaban*, é o diabo que os leve! A imbecilidade triumpho, cresce, avoluma-se, sufoca-nos como uma maré victoriosa. E, ó desgraça! o publico applaude! o publico admira! o publico enthusiasma-se! o publico delira! o publico ri! o publico nunca se divertiu tanto!

Bom proveito lhe faça!

Buck.

# Theatro APOLLO.

A NOITE DO CYRIACO.



AUGUSTA CORDEIRO  
(SANO O ERRO)

CYRIACO de

Jose Ricardo

OMESURAS

o Sr. CAPITO

BRAVO!  
BRAVISSIMO!

# SOLAR DOS BARRIGAS

CYRIACO CARDOSO, uma cigarra a valer, fez a sua festa com o Solar dos Barrigas. Que os Srs. Jacobinos nos consintam um conselho — ah! timidamente dado — Vão ver o Solar dos Barrigas — vão ouvir a musica graciosa e leve do CYRIACO o humorismo tão espontaneo e tão sincero do JOSE RICARDO (um dos poucos actores comicos portuguezes) a graça suggestiva da AUGUSTA CORDEIRO, vão ver enfim como todos aquelles rapazes que se movem ao gesto do seu querido maestro conseguem fazer estourar as gargalhadas n'uma sala cheia. á cunha e digam a sahida se a politica vale a pena de ser tomada a serio.